

HIBRIDAÇÃO LITERÁRIA NO ROMANCE *O QUINZE*: NATURALISMO E MODERNISMO

LITERARY HYBRIDIZATION IN THE NOVEL *O QUINZE*: NATURALISM AND MODERNISM

Ana Raquel Alves da Silva¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2432-9353>

Jéssica Thais Loiola Soares²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3882-8914>

Enviado em: 03/02/2025

Aceito em: 10/03/2025

Publicado em: 18/06/2025

Resumo: O romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, faz parte da segunda geração modernista do Brasil e tem como referência a grande seca de 1915, representando a miséria e a marca da desigualdade social que se fez presente no período em questão. Na obra mencionada, é nítida a presença de elementos característicos da literatura naturalista brasileira, a saber: abordagem de problemas sociais, descrição minuciosa da miséria e do ambiente, determinismo e representação objetiva da realidade, características essas que compõem a sociedade e os romances naturalistas do final do século XIX. Neste artigo, buscaremos encontrar tais elementos naturalistas em *O Quinze*, tomando como base a Teoria da Residualidade, formulada por Roberto Pontes (1999), segundo a qual em toda cultura há elementos remanescentes de tempos e espaços anteriores. A referida teoria trabalha com os seguintes conceitos operacionais: resíduo, mentalidade, imaginário, hibridação cultural e cristalização, a fim de apontar e explicar a relação existente entre culturas distantes no tempo e no espaço. Neste trabalho, buscaremos analisar a obra mencionada a partir da hibridação dos períodos literários, buscando as semelhanças tanto culturais quanto sociais do Naturalismo presentes residualmente em *O Quinze*. Assim, constataremos que os períodos literários não são completamente independentes, mas que possuem relações uns com os outros mesmo em tempos e espaços distintos.

Palavras-chave: *O Quinze*. Hibridação literária. Residualidade. Naturalismo.

¹ Professora da Educação Básica. Graduada em Letras pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE. Pós-Graduanda em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade FaSouza. E-mail: raquelalvess113@gmail.com.

² Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Ceará – IFCE. Mestra e Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: thais.loiola@ifce.edu.br.

Abstract: The novel *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, is part of the second modernist generation in Brazil and has as its reference the great drought of 1915, representing the misery and the mark of social inequality that was present in the period in question. In the aforementioned work, the presence of characteristic elements of Brazilian naturalist literature is clear, namely: approach to social problems, detailed description of poverty and the environment, determinism and objective representation of reality, characteristics that make up society and the naturalist novels of Brazil. end of the 19th century. In this article, we will seek to find such naturalistic elements in *O Quinze*, based on the Theory of Residuality, formulated by Roberto Pontes (1999), according to which in every culture there are elements remaining from previous times and spaces. This theory works with the following operational concepts: residue, mentality, imaginary, cultural hybridization and crystallization, in order to point out and explain the relationship between cultures distant in time and space. In this work, we will seek to analyze the mentioned work based on the hybridization of literary periods, looking for both cultural and social similarities of Naturalism residually present in *O Quinze*. Thus, we will see that literary periods are not completely independent, but that they have relationships with each other even in different times and spaces.

Keywords: *O Quinze*. Residuality. Literary hybridization. Naturalism.

Introdução

O romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, foi publicado em 1930 e faz parte da segunda geração modernista, tendo como referência a grande seca de 1915, representando a miséria e a marca da desigualdade social contida no período em questão.

Na obra mencionada, é nítida a ocorrência de elementos característicos do Naturalismo brasileiro, a saber: problemas da realidade social, descrição minuciosa da miséria e do ambiente, determinismo e representação objetiva da realidade. Neste artigo, buscaremos encontrar tais elementos naturalistas no romance *O Quinze*, tomando como base a Teoria da Residualidade (Pontes, 1999), segundo a qual todas as culturas contêm elementos remanescentes de outros tempos e espaços.

A referida teoria trabalha com os seguintes conceitos operacionais: resíduo, mentalidade, hibridação cultural e cristalização, a fim de apontar e explicar a relação existente entre culturas distantes no tempo e no espaço. Assim, a partir da presença de constantes resíduos do Naturalismo, verificaremos que os períodos literários não são

completamente independentes, mas que possuem imbricações culturais, temporais e espaciais.

Ao estudarmos a obra de Rachel de Queiroz, classificada como modernista, observamos claramente a presença da temática social por fatores que são característicos da realidade nordestina. Entretanto, a maneira como a miséria, a fome e a situação crítica das personagens são descritas em *O Quinze* remete imediatamente ao Naturalismo, uma vez que o romance apresenta uma descrição minuciosa do ambiente e das personagens, num cenário de total pobreza e escassez de recursos durante o período de seca. Cabe ressaltar que essa realidade das personagens não se limita ao período de seca descrito na obra, visto que, por serem descritos como uma família de classe baixa é perceptível que essa realidade existe para além da situação de seca. Assim, percebemos que os períodos literários em questão – referimo-nos ao Naturalismo e ao Modernismo, mas o princípio do entrecruzamento cultural, artístico e literário estende-se aos demais estilos de época – se distanciam apenas na relação temporal, mas aproximam-se e mesclam-se na tessitura da obra.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, em 17 de novembro de 1910 e foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Escreveu com expressividade acerca da vida sofrida do povo nordestino. Tendo presenciado a terrível seca de 1915, a autora escreveu sobre os horrores desta em seu romance *O Quinze*. Os livros *Memorial de Maria Moura*, *As Três Marias*, *Caminho de Pedras* e *O Galo de Ouro* também fazem parte da sua produção literária, que é capaz de provocar no leitor uma mudança em seu senso crítico e uma visão absolutamente nova a respeito da realidade vivida no Nordeste brasileiro. Além disso, Rachel de Queiroz escreveu mais de duas mil crônicas, sendo considerada uma cronista emérita pelos leitores e estudiosos da Literatura. A autora faleceu em 4 de novembro de 2003, deixando uma enorme herança literária e cultural ao povo brasileiro.

Embora *O Quinze* seja visto como um romance ficcional que busca aludir a uma das maiores secas do estado do Ceará, ocorrida em 1915, a obra é composta por uma

fonte de lembranças da autora, que presenciou esse período de miséria e emigrou, em 1917, para o Rio de Janeiro.

Teoria da Residualidade

A Teoria da Residualidade foi sistematizada por Roberto Pontes (1999) e se fundamenta no princípio de que nada na Literatura é original, pois todo elemento presente numa cultura carrega vestígios de culturas anteriores, afinal, como afirma o teórico em questão: “Na cultura e na literatura nada há de original; tudo remanesce; logo, tudo é residual” (Pontes, 2012, p. 392). A fim de realizar tal estudo comparativo entre obras, estéticas literárias, tempos, espaços e culturas distintos, a teoria utiliza-se de alguns conceitos operacionais, sendo os principais: resíduo, mentalidade, hibridação cultural e cristalização.

O resíduo é o elemento que remanesce de outro tempo e espaço, podendo sofrer alterações, mas mantendo-se semelhante em essência. Já a mentalidade e o imaginário referem-se ao modo de pensar e agir de uma determinada sociedade, às imagens mentais guardadas, à maneira como os fatos eram pensados, às formas de sentir de um determinado povo num dado momento histórico. Sendo assim, a mentalidade diz respeito aos “arquivos mentais” de um povo, cujos vestígios – os resíduos – permaneceram em outra cultura.

Por conseguinte, a hibridação cultural se refere à imbricação que ocorre entre as culturas no decorrer do tempo, à medida que elas entram em contato entre si e influenciam-se mutuamente.

Por fim, a cristalização se trata da adaptação pela qual passa o resíduo durante os processos de hibridação cultural. É essa capacidade adaptativa que possibilita a sobrevivência de um elemento do passado num momento posterior. Todavia, embora revestido de uma nova roupagem, o resíduo mantém-se essencialmente o mesmo.

Roberto Pontes reúne na seguinte explanação os principais conceitos da Teoria da Residualidade:

O resíduo consiste no principal elemento atualizador da produção cultural. Parece ser de lei na ordem da cultura que nada dispõe de originalidade e tudo deriva de um resto. Não se pode pensar em lápis, se antes não for pensada a madeira com que se fabrica o bastão e a pedra mineral de onde se extrai o grafite. Tudo deixa o seu resíduo no reino complexo da cultura. O próprio lápis, exaurido, apontado inúmeras vezes, chegado ao seu fim, ainda deixa um resíduo, o traço negro ou colorido no papel, que é outro resíduo em operação na natureza. E as letras ou figuras são o resíduo que impregnam as mentes e formam as mentalidades ao longo de um processo de cognição. E este ato de conhecer termina explodindo em palavra oral ou escrita, em invenção plástica, sonora, rítmica, enfim, numa produção qualquer de caráter cultural. O resíduo, pois, se mantém numa permanente latência, em constante possibilidade de uso, de forma a poder ser atualizado ou cristalizado a qualquer momento, não se sabe quando nem por quê. (Pontes, 2004, p. 9)

Assim, constatamos que os estudos residuais têm grande relevância nos meios cultural e literário, pois, assim como na cultura, nada na literatura é original; tudo é residual. As estéticas literárias possuem elos entre si, carregando resquícios de outros momentos históricos. Estudar os períodos literários de forma residual também é descobrir que as obras podem apresentar múltiplas relações, as quais podemos investigar por intermédio da Teoria da Residualidade.

A hibridação literária está patente em *O Quinze*, dado que dois períodos literários se cruzam dentro de uma obra de cunho social – ponto em questão nos dois períodos – e fornecem uma análise social realista das causas, consequências e a realidade humana vivenciada no período de seca que, consequentemente, traz sofrimento e dor às personagens, fazendo com que estas busquem meios de sobrevivência, recorrendo ao êxodo.

Naturalismo e Modernismo

O Naturalismo foi um movimento literário surgido em meados do século XIX, na França, e logo chegou à sociedade brasileira. Tendo um aspecto mais sociológico,

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

aconteceu simultaneamente ao Realismo, no entanto, apesar de ambos tratarem da sociedade de maneira realista, possuem objetivos e visões diferentes frente aos problemas sociais abordados na época. O Realismo surgiu no Brasil na segunda metade do século XIX, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com o objetivo de analisar crítica e psicologicamente a sociedade. O Naturalismo, por sua vez, também se detinha na análise social, porém numa perspectiva biológica, tratando das classes mais pobres da sociedade, aquelas que não frequentavam teatros e óperas nem tinham um estilo de vida burguês e enfrentavam sérios problemas sociais, como a fome, a miséria e a desigualdade social.

Nesse período, a sociedade capitalista é marcada pela exploração do trabalho do pobre, com extensas jornadas, além de participação política restrita às classes sociais privilegiadas, por meio da democracia censitária (Viana, 2003). Daí, o Naturalismo se propõe justamente a representar o modo de vida miserável de uma parcela da sociedade que vivia embaixo dos prédios e hotéis de luxo, limpando a sujeira deixada pelos burgueses após uma noite de gozo.

As principais características do Naturalismo no Brasil são: descrição minuciosa de ambientes e personagens, abordagem de temas sociais, análise biológica da sociedade e construção de um retrato objetivo desta – arsenal que tornava possível analisar de forma científica e patológica os temas a que se propunha. A obra que marca o início do Naturalismo no Brasil é *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, romance que sofreu muitas críticas, sobretudo porque se distancia daquele velho ideal romântico segundo o qual o bem sempre prevalece e também porque desmascara alguns malfeitos da sociedade, em especial, a burguesa.

No primeiro capítulo de *O Mulato* já é notável uma descrição vívida do ambiente, como podemos observar no excerto que se segue:

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes, as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se

mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho. (Azevedo, 2004, p. 1)

Ademais, o trecho lido revela que “só os pretos andavam na rua”, mostrando que apenas os mais pobres estavam trabalhando naquele sol escaldante, enquanto os mais abastados estariam, talvez, descansando sobre suas riquezas. É evidente, portanto, a abordagem do modo de vida das classes econômica e socialmente desfavorecidas, seguindo a perspectiva naturalista, além da denúncia do racismo frequentemente flagrado na época.

Neste trecho, ainda do capítulo 1 de *O Mulato*, veremos mais uma descrição do ambiente, ainda mais intensa que a anterior:

De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a “gentil Carolina era bela”; do outro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: “Fígado, rins e coração!” Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suado, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. (Azevedo, 2004, p. 1)

A partir desses trechos, verificamos que o objetivo maior do Naturalismo é abordar uma sociedade esquecida e frágil, diferentemente do Realismo, que se preocupou, sobretudo, em analisar a sociedade burguesa novecentista.

Por conseguinte, outra relevante característica naturalista é o determinismo, segundo o qual o ser humano é definido pelo meio em que vive (ambiente), sua raça (genética) e o momento histórico (tempo).

De acordo com Flor (2015), os principais críticos literários do período foram: Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. O primeiro afirmava que o termo

“Naturalismo” poderia ser utilizado para toda manifestação literária que se opusesse ao Romantismo. Para Veríssimo, o Naturalismo brasileiro foi simplesmente uma imitação do Naturalismo francês, tendo o autor criticado as descrições minuciosas e as obscenidades presentes nas obras da época, bem como a linguagem considerada pouco literária. Por outro lado, Araripe Júnior defendia que o Naturalismo brasileiro jamais seria uma ramificação do Naturalismo francês, uma vez que, dentro de outra cultura e outra sociedade, o Naturalismo já não teria mais como ser o mesmo.

De toda maneira, o Naturalismo se mostrou o retrato de uma parcela da sociedade que era injustiçada. Assim, intentamos encontrar resíduos desses elementos ora mencionados no romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, obra-prima da segunda geração do Modernismo brasileiro, período que também representou uma sociedade esquecida e injustiçada que, no interior no Nordeste brasileiro, buscava sobrevivência numa desastrosa seca.

Por sua vez, o Modernismo rompe com o conceito clássico de literatura, trazendo aos palcos e às obras um conceito e estilo próprios da sociedade brasileira, o que, em princípio, provoca um choque à sociedade já acostumada com as inspirações europeias. Alfredo Bosi define o Modernismo como um código novo, que rompe com todos os códigos anteriores. E esse código busca se aprofundar na realidade brasileira, investigando-a, entendendo-a:

Se por Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagens; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou também uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural... (Bosi, 1997, p. 375)

Ao estudarmos as estéticas literárias, deparamo-nos com realidades diferentes e culturas distintas, uma vez que Literatura, História e sociedade mantêm uma relação intrínseca entre si. Tratam-se de modos diversos de enxergar, analisar e – muitas vezes – criticar o mundo. O Modernismo, por exemplo, sobretudo na prosa de sua segunda

geração, objetivou representar o sofrimento dos retirantes nordestinos em meio a uma terra seca e repleta de disparidades econômico-sociais.

As manifestações literárias modernistas representam fiel e criticamente um período de grande abalo socioeconômico em algumas regiões do Brasil, de forma que a ficção passa a fazer uma denúncia social, surgindo um novo Naturalismo, como assevera Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*:

O modernismo, e num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevaleceria. (Bosi, 1997, p. 438)

O “novo Naturalismo” se trata de uma espécie de Neorealismo, como ocorreu claramente também na literatura portuguesa, a exemplo do romance *Gaibéus*, de Alves Redol, em que a denúncia da miséria econômica, intelectual e espiritual é levada ao grau extremo da reflexão humana. No Brasil, vários autores abordam esse tipo de crítica social, a saber: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, dentre outros. Como bem explica Santos:

O Romance de 30 brasileiro e os Neo-Realismo português e angolano exemplificam o que foi anteriormente referido, isto é, os fatos sociais direcionam a produção literária. Tanto a segunda geração modernista brasileira quanto os neo-realistas portugueses - e na esteira o Neo-Realismo angolano – buscaram denunciar a exploração que sofriam os trabalhadores da região rural. Como forma de intensificarem sua denúncia, colocaram esse grupos sociais flagelados como personagens principais de suas tramas. O pioneirismo coube aos modernistas brasileiros, que voltaram o seu olhar para as camadas desfavorecidas e optaram por não ficarem indiferentes aos fatos. Nesse processo de divulgação da realidade, acabaram por influenciar os modernistas portugueses, os quais também sentiram a necessidade de desvendar o verdadeiro Portugal para os portugueses. (Santos, 2008, p. 30-31)

Nesse período, a escritora Rachel de Queiroz produziu uma das obras mais marcantes da Literatura Brasileira, *O Quinze*, romance baseado numa das piores secas da história do Ceará – a seca de 1915.

Resíduos naturalistas em *O Quinze*

A referida obra deu vida a personagens que nos causam grande impacto humano e psicológico, como Chico Bento, seu filho mais velho e sua esposa. No decorrer da história, deparamo-nos com acontecimentos que nos levam a uma análise profunda, afinal, até que ponto as dificuldades sociais motivam as pessoas a fazerem e tomarem atitudes que podem prejudicar suas próprias vidas? Em *O Quinze*, podemos analisar as razões, as circunstâncias e o momento que induziram as personagens a decisões extremas.

Assim, partiremos agora para uma análise residual da obra, baseando-nos nos conceitos operacionais da Teoria da Residualidade e nos resíduos do Naturalismo presentes no romance em questão, demonstrando que uma determinada cultura pode conter elementos de outra, num processo de hibridação literária e, portanto, cultural. Os trechos de *O Quinze* que analisaremos neste artigo terão como base a representação literária da miséria, do êxodo e da desigualdade social, dentre outras características híbridas encontradas na obra queiroziana.

A partir do excerto seguinte, podemos observar como se encontrava o cenário do Nordeste durante o período de seca. Atentemos para as descrições minuciosas no trecho que se segue: “[...] Lá no céu, sozinho, rutilante, espalhava sobre a terra cinzenta e seca uma luz que era como fogo” (Queiroz, 2012, p. 14). Percebemos que a terra estava seca e o sol ardia como fogo. Essas descrições vívidas do ambiente ocorrem por toda a narrativa, caracterizando pessoas, animais e situações.

Durante a caminhada de Chico Bento com destino à Fortaleza, também nos deparamos com descrições minuciosas acerca da miséria, de forma semelhante ao estilo da estética naturalista, como podemos depreender da citação a seguir:

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos que o casaco e a camisa rasgada cobriam. (Queiroz, 2012, p. 39)

Consoante o trecho lido, verificamos a maneira como a narradora apresenta a personagem Cordulina, mulher do vaqueiro Chico Bento. Naquele momento, eles viviam numa situação de extrema miséria, que é nitidamente expressa pelas descrições presentes no romance, mostrando o estado de decadência física e social das personagens. Cordulina representa a mulher tradicional daquele tempo, a mãe de família que se dedica a cuidar dos filhos, da casa e do marido. Mesmo suja, com a pele ressecada do sol e as vestes em decadência, sua preocupação não lhe permitia soltar jamais o filho mais novo, como observamos ao longo do enredo.

De forma semelhante, o Naturalismo também evidenciava esse tipo de situação na sociedade periférica, conforme podemos verificar no exemplo seguinte, retirado do romance *O Cortiço*, do escritor naturalista Aluísio Azevedo:

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. (Azevedo, 2019, p. 36)

Em diálogo residual com o excerto da obra de Azevedo, em *O Quinze*, Chico Bento e sua família se deparam na viagem com um grupo de retirantes que estão comendo carne podre devido à fome intensa e cruel: “Toda descarnada, formando um grande bloco sangrento, era uma festa para os urubusvê-la, lá de cima, lá da frieza mesquinha das nuvens” (Queiroz, 2012, p. 28).

Ainda durante a trajetória da viagem de Chico Bento e sua família, outras tragédias decorrentes da seca, da fome e da miséria acontecem, como depreendemos do excerto seguinte: “A criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela magreza, esticando o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso.” (Queiroz, 2012, p. 35). O fragmento lido se refere à morte de um dos filhos de Chico Bento, que, em meio à fome, come uma mandioca crua, que o faz sentir-se mal e, depois, falecer. Assim, deparamo-nos com a representação literária de uma família de baixa condição socioeconômica em busca da sobrevivência, como tantas Brasil afora, que vivem à mercê da desigualdade e das injustiças sociais. O último fragmento que utilizaremos como exemplo demonstra bem a situação miserável e aterrorizante em que viviam os retirantes nordestinos, vítimas da disparidade social no Brasil, tema infelizmente ainda tão atual: “Eles já estavam na ponte, magros, encolhidos, apertados uns contra os outros, num grupo miserável e cheio de medo.” (Queiroz, 2012, p. 63)

Todavia, nossa análise não tem como intuito demonstrar que *O Quinze* segue fielmente todos os preceitos naturalistas, afinal, estamos tratando de uma nova época. Assim como no Naturalismo as personagens eram animalizadas e representadas segundo seus instintos menos “civilizados” (isto é, daquilo que era aceito pela sociedade do período), em *O Quinze* as personagens são animalizadas porque recebem tratamento humilhante que nem os bichos suportariam. Assim, verificamos a mesma característica – animalização do ser humano – utilizada de formas diferentes nos contextos naturalista e modernista. Logo, estamos falando de relações de hibridação cultural e cristalização, e não apenas de mera continuidade sem transformações.

Outro ponto de divergência entre o Naturalismo e o romance que estamos abordando é a forma de representação da figura feminina. Em *O Quinze*, temos na personagem Conceição, jovem professora da capital cearense, um símbolo da liberdade, do feminismo, do comunismo, do progresso e, consequentemente, da solução para os males sociais de então. Conceição é retratada de maneira fiel à realidade, sem a idealização excessiva do Romantismo e sem a sexualização extrema própria do Naturalismo.

Ademais, a linguagem do romance queiroziano, embora aguçada e ferina como nos romances naturalistas, não apresenta a agressividade tão marcante do Naturalismo, consoante assevera Cattapan:

[...] no enfoque, na forma, na linguagem, na estruturação do enredo, nos ideais defendidos. Os romances nordestinos que abordavam a seca antes de *O quinze* tinham ainda forte cunho naturalista, com preocupações científicas e linguagem rebuscada, ainda sob nítida influência da obra de Euclides da Cunha, ou traziam uma narração excessivamente dramática e artificial. *O quinze* introduz uma linguagem simples e direta. A descrição da seca é feita de forma objetiva, com o predomínio de substantivos sobre adjetivos e advérbios. A narrativa é enxuta, prende-se ao essencial e dispensa o supérfluo. A narração é sóbria, sem apelar para sentimentalismos românticos, nem para o brutalismo naturalista. O tom dramático está na situação descrita, não nos artifícios do narrador. (Cattapan, 2012, p. 103)

Portanto, nossa abordagem acerca das relações residuais entre Naturalismo e *O Quinze* não visa estabelecer uma continuidade simplória, mas compreender o amálgama de mentalidades diversas presentes numa mesma obra literária, apontando as remanescências e as divergências presentes ali e demonstrando, assim, a riqueza e a complexidade presentes no romance de Rachel de Queiroz ora estudado.

Considerações finais

Diante das considerações e análises realizadas neste artigo, constatamos que os distanciamentos espacial e temporal não impedem as relações híbridas entre as

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

culturas, pois há elementos que possuem força para permanecer residualmente vívidos *a posteriori*. O romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, apresenta descrições minuciosas do sofrimento físico e psicológico dos nordestinos pobres em seu êxodo, descrições essas próprias do romance regionalista da segunda geração modernista, mas também demasiadamente semelhantes ao *modus operandi* naturalista, numa perspectiva residual, o que justifica o uso do termo “novo Naturalismo” pelo crítico literário Alfredo Bosi, conforme expusemos anteriormente. Assim, este trabalho comprovou que a cultura e a literatura devem ser estudadas sob uma ótica residual, que possibilita a análise dos textos literários em suas estruturas mais profundas, evidenciando as complexas relações culturais, históricas e sociais neles presentes.

Referências

- AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Germape, 2004.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CATTAPAN, Júlio César Rodrigues. O Quinze: Contrastes e Tensões. *Revista Diadorim*, vol. 7, Dossiê Rachel de Queiroz, Rio de Janeiro, 2012. p. 99-114.
- FLOR, Alan. O Naturalismo no Brasil sob Suspeição. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – FLUXOS E CORRENTES: TRÂNSITOS E TRADUÇÕES LITERÁRIAS, XIV, 2015, Belém. *Anais Eletrônicos*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015. p. 1-12.
- PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Fortaleza: EUFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.
- PONTES, Roberto. Em Torno de um Resíduo: Santa Maria Egípcia. In: COLÓQUIO DO PPRLB – PÓLO DE PESQUISA SOBRE RELAÇÕES LUSO BRASILEIRAS –

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

- DESLOCAMENTOS E PERMANÊNCIA, 2, 2004, Rio de Janeiro. *Actas*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. 2004. p. 1-13.
- PONTES, Roberto. Poesia & Ciência em Augusto dos Anjos: Fundação de uma Lírica Diversa. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva, SANTOS, Neide M., ANDRADE, Ana I. S. L. (Orgs.). *Augusto dos Anjos: A Heterogeneidade do Eu Singular*. João Pessoa: Midia Gráfica e Editora Ltda, 2012. p. 375-394.
- QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. 9. ed. Brasil: José Olympio, 2012.
- SANTOS, Lisiâne Pinto dos Santos. *Relações de Trabalho em Terras do Sem Fim, Gaibéus e Terra Morta: Universos que se Tocam*. 2008. 216 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2008.
- VIANA, Nildo. *Estado, Democracia e Cidadania. A Dinâmica da Política Institucional no Capitalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.